

A redacção da epigraphie é perfeita. Não contém nenhuma das estranhas anomalias que tão frequentes são nas inscripções lapidares do seculo II da nossa era, a que provavelmente esta pertence.

A influencia romana, estabelecendo na Lusitania o costume de gravar em lapides os votos feitos aos deuses, conservou os nomes de muitas divindades indigenas, permittindo-lhes, como ás suas, afevorado culto. Por isso frequentes vezes apparecem nos monumentos archaicos nomes como *Tongoenabiagus*, *Bandiarbariaicus*, etc., etc., tão barbaros como o nosso AMEIPICRI (dativo), se a leitura d'este se póde ter por definitiva.

Os linguistas que analysem, se puderem, este nome, e nos digam algo da sua significação.

20 de Janeiro de 1903.

ALBANO BELLINO.

Protecção dada pelos Governos, corporações officiaes e Institutos scientificos á Archeologia

19. Excavações no Egypto

A Universidade da California encarregou o Dr. Reisner de fazer no Egypto excavações archeologicas. «Il s'agit d'une vaste nécropole renfermant des sépultures partant des époques préhistoriques et allant jusqu'aux époques coptes e ptolemaïques. A Girga, dans la Haute-Égypte, on a exploré des tombes remontant à 8.000 ans au moins et qui renfermaient des corps admirablement conservés».

(*L'Anthropologie*, XIII (1902), 414).

Estações prehistoricas dos arredores de Setubal

(Continuado da pag. 282 do vol. VII)

Castro da Rotura

Quem seguir a estrada de Setubal para Azeitão, depois de passar pela Quinta Nova, uns 2,5 kilometros a WNW. de Setubal, verá do lado septentrional da estrada e ao sul da serra de S. Luis levantar-se uma altiva escarpa de rocha (fig. 3.^a)¹, formada pela profunda ruga da camada do mioceno marinho, que envolveu toda a serra na epoca do seu

¹ As figs. 3.^a e 6.^a foram feitas segundo photographias do Sr. Arronches Junqueiro.

levantamento e que quasi toda foi destruida pelas erosões. O aspecto d'esta penedia, pela sua majestosa grandeza e arrendado de suas grandes e alpendradas cavidades chamadas *abelheiras*, produz á vista effeito bello e surprehendente.

No cume do penhasco estende-se uma pequena planicie ou socalco que termina: do lado oriental no sítio onde se vê o Casal da Pena, e do lado occidental no ponto onde se ergue a pequena ermida de S. Luis, 1 kilometro a oeste d'aquelle casal.

Das alturas da Pena para éste o terreno é cortado pelas ravinas do Nena e da Fazenda (fig. 4.^a) dando logar a duas pequenas collinas alongadas ou pregas de terreno: uma ao norte chamada do Casalinho, entre os valles da Nena e da Fazenda; outra chamada da Rotura, ao sul, tendo a sua vertente septentrional voltada para o valle do Nena e o seu flanco meridional formado pela escarpa rochea de que acima fallei.

Da estrada de Azeitão e junto da Quinta Nova parte uma carreteira, que conduz ao valle do Nena e sobe a meia encosta da collina da Rotura até ao Casal da Pena.

Se por esta carreteira subirmos ao casal e analysarmos o solo da vertente septentrional da collina da Rotura, veremos que elle é formado numa espessura superior a 1 metro por entulhos constituídos por innumerables fragmentos de louça neolithica, ossos de animaes, cinzas, carvão, pequenas pedras soltas, etc.

A superficie do terreno constituido por estes destroços affecta a fórma de um quadrilatero alongado, cujos lados maiores, de 300 metros aproximadamente, ficam: um na crista da escarpa, e o outro a uns 40 metros ao norte, proximo da carreteira.

O lado menor occidental fica uns 200 metros a éste do Casal da Pena, e o lado oriental no extremo leste da pequena collina da Rotura.

Fóra d'este quadrilatero e nas proximidades da Rotura não se encontram vestigios alguns de industria prehistorica, a não serem as grutas sepulcraes de que adeante fallarei.

Não ha, pois, dúvida de que é este o local a que se referem Carlos Ribeiro, Filipe Simões, Estacio da Veiga e o Sr. E. Cartailhac, quando fallam da estação prehistorica da Rotura.

Não era commodo este local para povoação, se esta não tivesse de attender á sua defenza. Por isso supponho que a posição, onde se acham os restos prehistoricos, foi um reducto ou fez parte de um castro construido pelos homêns neolithicos para junto d'elle passarem a vida quanto possivel ao abrigo das surpresas dos seus inimigos.

Analysando as condições de defenza d'esta posição, na hypothese de que só occupava o recinto onde ainda se vêem os vestigios prehisto-

ricos, observamos que pelo lado do sul era impossivel qualquer ataque ao reducto, tão bem elle era defendido d'este lado pela escarpa que lhe servia como de forte muralha natural; pelo lado septentrional, porém, era menos defensavel, pois que todo o estreito assento do reducto ficaria numa encosta que se estende da crista da escarpa até á linha de agua do valle do Nena.

É verdade que, para reforçar a posição pelo lado do norte, bastaria construir qualquer muralha de defesa, e portanto poderão attribuir-se a ella uns restos de muros que se vêem proximo da carreteira, formados de pedras calcareas cimentadas com terra amassada.

O maior inconveniente porém da fortificação, caso tivesse sómente a área que actualmente occupam as suas ruinas, era a configuração do terreno proximo do lado septentrional. Com effeito, d'este lado, o terreno não só permitia que o inimigo, subindo ás alturas do Casalinho, observasse tudo o que se passava dentro do estreito reducto (fig. 4.^a e 5.^a), mas facultava ao atacante um movimento torneante, a coberto das vistas dos defensores pelo valle da Fazenda, para assaltar de surpresa o flanco do lado occidental da fortaleza, emquanto entretinha, se fosse necessario, os defensores com um fingido ataque na frente septentrional (fig. 4.^a). Tomado o flanco occidental, que occupava uma posição dominante no reducto, este não tinha meio de resistir por mais tempo.

Seria assim o flanco ao poente da fortaleza a chave d'ella e ao mesmo tempo o seu ponto mais fraco: o maior defeito que pode ter uma posição.

Os inconvenientes que acabo de expor deviam ter existido em todas as épocas, quaesquer que fossem as armas de que os combatentes pudessem dispor. É, pois, provavel que os defensores da estação prehistorica tivessem meios de se subtrahir a estas desvantagens, um dos quaes seria a fortificação do alto da Pena, bem como da lombada e alturas da collina do Casalinho; nada se pode porém afirmar neste sentido, porque o certo é não se encontrar o mais pequeno vestigio prehistorico tanto na Pena como na collina do Casalinho.

A rocha fossilifera do terreno miocénico, que formava quer a escarpa primitiva do castro, quer a antiga lombada da collina do Casalinho, tem sido explorada desde tempos remotos para a extracção do calcareo que a constitue. Por isso a continúa extracção das camadas calcareas da pedreira faz que a maior parte da muralha natural, que defendia o reducto pelo lado do sul, vá sendo successivamente substituida por escarpas artificiaes collocadas cada vez mais para o lado do norte (fig. 5.^a). Por este motivo a área, onde actualmente ainda se encontram os vestigios prehistoricos, cada vez se reduz mais.

Antes do emprego da pólvora, a exploração da pedreira fazia-se cavando galerias, cujas paredes se escoravam com madeira, a que depois se lançava o fogo para produzir derrocadas. Ainda para o lado da Pena se vêem vestígios do fogo nalguns restos d'estas galerias, que não se devem tomar por grutas sepulcraes. Actualmente a extracção da pedra na collina da Rotura é feita com o auxilio da pólvora, e com tal incremento que dentro em pouco desaparecerão todos os restos da antiga fortificação. Sirva isto de aviso aos futuros investigadores que, por effeito da barbara indifferença a que por todo o país se vota tudo o que não é de utilidade physica immediata, podem soffrer a decepção de não encontrarem o menor vestigio d'esta estação prehistorica.

Alem dos muitos objectos que no antigo recinto da fortificação existem misturados com os entulhos que actualmente o cobrem e de parte dos quaes fallarei especialmente adiante, vêem-se ali alguns muros rectilineos (fig. 6.^a) parallelos á crista da escarpa e que se encostavam ao solo primitivo em grande declive do castro (fig. 5.^a). Estes muros podem ser considerados como de defesa ou como fazendo parte de habitações.

C. Ribeiro considerou-os como fazendo parte de abrigos prehistoricos de planta rectangular.

Na verdade não se pôde afixar que estes muros fossem os da defesa do reducto, não só por este ficar assim estreitissimo (vid. fig. 4.^a), mas tambem pela existencia dos vestígios de outros muros que ficavam mais ao norte. Effectivamente, ou estes ultimos muros eram de habitações, o que quasi exclue a classificação dos primeiros como muralhas de defesa exterior, ou fariam parte de uma especie de barbacã; mas neste caso o espaço que ficava entre as duas muralhas, apesar de não ser muito largo, podia ser ainda mais estreito para que, quando fosse tomado pelo inimigo, este ficasse mais embaraçado no ataque á muralha interior.

Não só por este motivo, mas ainda por ser provavel que o recinto do castro se estendesse mais para o lado do norte do que a superficie das actuaes ruinas, parece-me mais admissivel a opinião de C. Ribeiro, e por isso supponho que, pelo menos, os muros mais proximos da escarpa, situados mais ao sul, serviam ao mesmo tempo de suporte das terras e paredes-mestras posteriores de um renque de casas.

Estas simples habitações, que, se fossem construidas hoje chamar-se-hiam choupanas, mas que no tempo da sua construcção talvez fossem das mais importantes, dão-nos ideia da transição da gruta para a casa. Vê-se, com effeito, que umas vezes se aproveitavam como paredes as superficies do solo, quando este era de rocha e num declive que o aproximava do plano vertical, outras vezes bastava construir

a parede na parte da rocha que era menos aprumada, ou onde era preciso preencher as cavidades desfazendo as anfractuosidades.

Estes muros eram construidos com pequenas pedras muito bem dispostas e ligadas umas ás outras exclusivamente com terra amassada (fig. 6.^a).

Os tectos d'estas habitações deviam ser de mato ou colmo, pois que nos vestigios que existem não se tem encontrado objecto algum que indique outra cobertura.

Proximo do castro, do lado oriental, havia boa agua potavel, que ainda agora corre da pequena fonte da Rotura.

Fóra do castro, e a meia altura da escarpa que servia de muralha natural de defesa da posição pelo lado meridional, havia diferentes cavidades naturaes que os habitantes da fortaleza aproveitaram para sepultura dos seus mortos. Como, porém, a escarpa primitiva foi quasi totalmente destruida, tambem desapareceu a maior parte dos antigos sepulcros. No que ainda resta da rocha dos tempos prehistoricos na collina da Rotura, ainda tive occasião de explorar uma gruta sepulcral.

Outra gruta funeraria, situada na mesma escarpa 1 kilometro a oeste do castro e junto do casal da Lapa, proximo da ermida de S. Luis, foi violada pelos cabouqueiros ha uns 10 annos. Adiante fallarei especialmente d'estas grutas e dos objectos nellas encontrados.

*

Na encosta oriental da collina do Casalinho, e a partir d'ahi para leste, numa extensão de 1 kilometro até ás terras de Alferrar, o solo apresenta por vezes á sua superficie grande quantidade de fragmentos de *tegulae*, *imbrices*, *lateres*, *opus Signinum*, louça chamada saguntina ou arretina, fundos de amphora, etc., o que indica que houve ali povoação romana.

É a mesma povoação a que já me referi n-*O Arch. Port.*, II, 10.

Disse ahi que esta povoação era pequena, porque não tinha adquirido a ideia de que se ligasse á que ficava junto do Casalinho; porém uma observação mais attenta do solo levou-me á conclusão de que houve uma unica povoação que occupou grande área. Tambem me parece poder explicar-se facilmente não só o facto de haver intervallos onde não apparecem nenhuns vestigios romanos, mas ainda o quasi total desaparecimento das proprias ruinas da povoação.

Com effeito o terreno sobre o qual assentava a antiga povoação romana era na sua maior parte pliocenico, e este, como já disse, é nos arredores de Setubal formado principalmente de areias e calhaus rolados que facilmente se desagregam sob a acção das aguas pluvias.

Sucedeu pois que, pela acção das chuvas seculares, o solo primitivo, nas elevações do terreno, foi cerceado até uma profundidade que nalguns pontos excede 3 metros; ao passo que o antigo solo das depressões foi coberto por uma camada bastante espessa de alluviões trazidas das partes mais elevadas do terreno.

Por este motivo é que as edificações, cujas ruínas escaparam á quasi total extincção, não podem apparecer senão muito raramente nos logares de mais elevada altitude. Quando ainda ahí apparecem é porque os pavimentos da resistente argamassa signina (*opus Signinum*) prestaram protecção ao solo primitivo que lhes servia de apoio; mas todo o antigo solo circumjacente, faltando-lhe aquella protecção, desappareceu por inteiro.

É por este motivo que se vêem os pavimentos e paredes das antigas casas romanas nos pontos elevados, como em S. Romão e no Casal do Boio, alguns metros acima do solo actual. As ruínas que se descobrem nos logares de baixa altitude, como na trincheira do caminho que passa junto do aqueducto ao norte do Casal do Cano e na ribanceira do ribeiro de Pae Mouro, entre a Flamenga e o Casal do Pedro, tem as suas paredes enterradas no solo a uma profundidade por vezes superior a 3 metros.

Parece-me ficar assim explicado o motivo pelo qual o solo correspondente ao da antiga povoação se não apresenta todo coberto de ruínas.

Já depois da noticia da povoação romana de Alferrar que apresentei n-*O Archeologo Português*, o Sr. Arronches Junqueiro encontrou nas ruínas d'esta povoação um pedaço de louça de *terra sigillata*, bellamente ornamentado, e de que no mesmo periodico, vol. IV, pag. 146, deu noticia. Tambem pelo mesmo Sr. foram achadas em Alferrar duas moedas romanas, sendo uma de Maximino I e outra de Constantino; o que prova que a povoação chegou pelo menos ao sec. IV da era christã.

Talvez a antiga povoação ainda tivesse alguns habitantes no tempo dos Arabes, de quem parece derivar o nome de Alferrar.

Quem sabe se a povoação romana seria a Cetobriga de que falla o itinerario de Antonino e de que não se tem ainda precisado o logar?

Fallei d'esta povoação neste logar por ficar junto da fortificação prehistorica da Rotura e julgar que foi succedanea de outra que já existia desde os tempos prehistoricos e cujos habitantes, na impossibilidade de se alojarem todos de modo permanente dentro do castro, tinham este como a sua acropole ou cidadella de refugio no caso de invasão inimiga.

(*Continúa*).

A. I. MARQUES DA COSTA.

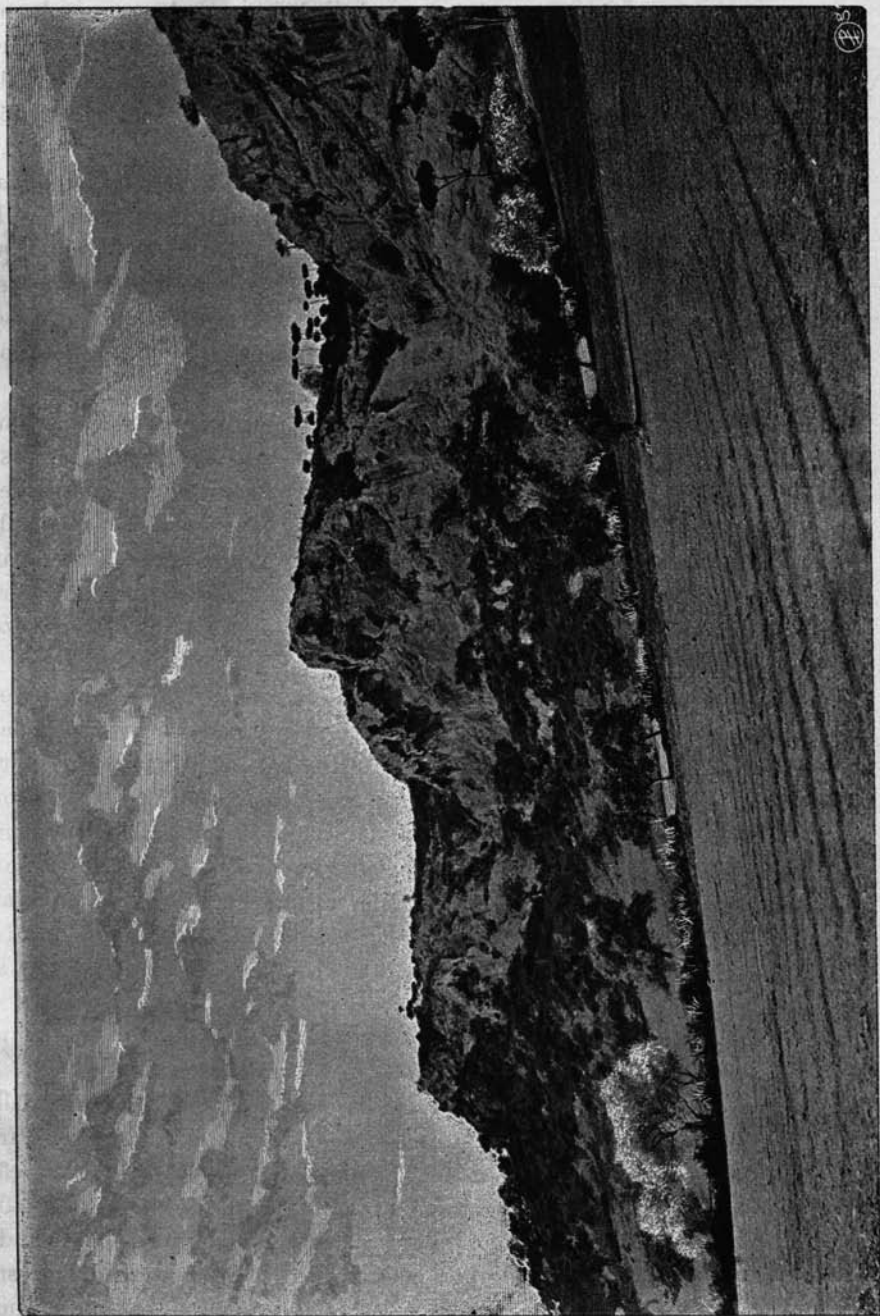
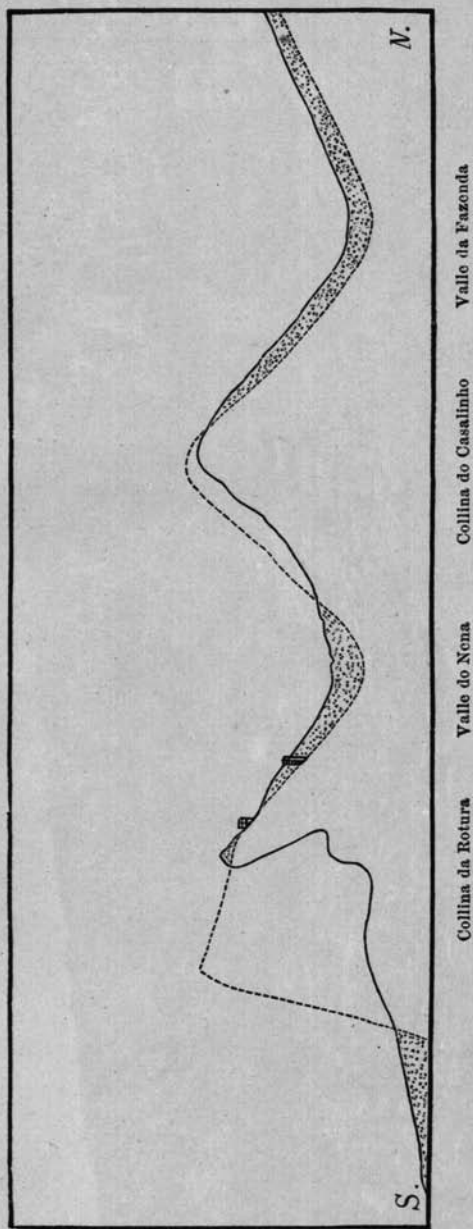


Fig. 3.^a — Parte da escarpa entre a Rotura e S. Luis, onde não foi enecetada a exploração da pedreira

PERFIL ESQUEMATICO NA DIRECÇÃO N.-S. DO TERRENO NAS COLLINAS DA ROTURA E CASALINHO

As linhas interrompidas indicam o perfil supposto nos tempos prehistoricos, as linhas continuas indicam o perfil actual



F'g. 5.^a

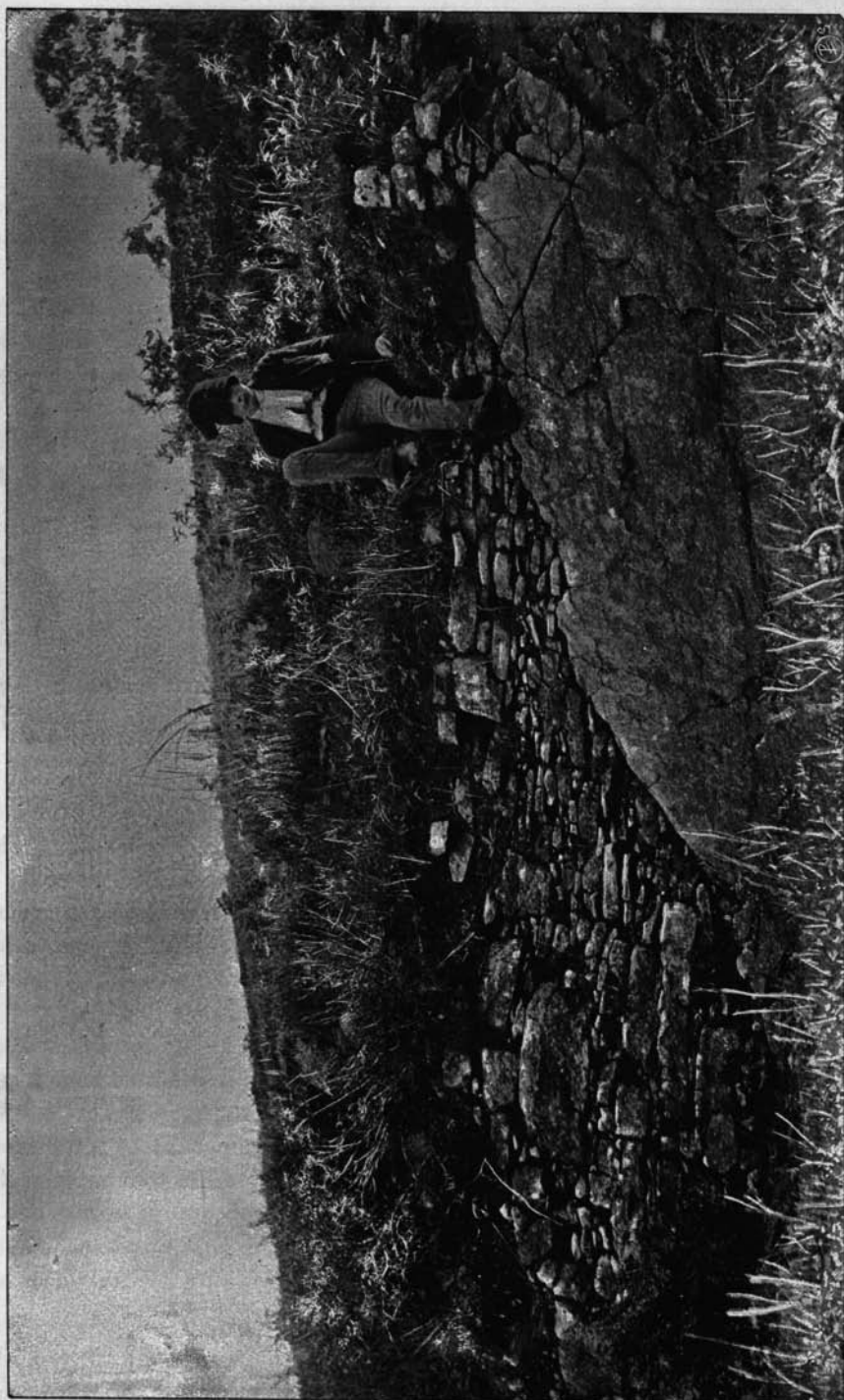


Fig. 6.1. — Trecho de um muro no interior do castro da Rotura